

REMÉDIO: CALOR HUMANO

Philio Terzakis
Da equipe do **Correio**

Precisa-se de gente disposta a trabalhar com os pacientes carentes do Hospital de Base de Brasília (HBB). A carga horária é leve: quatro horas semanais. Mas o trabalho é árduo: os candidatos têm que ter responsabilidade, muito amor e muita paciência para dar. Pagamento: nenhum.

Por incrível que possa parecer, dezenas de pessoas atenderam a esse chamado. Hoje, elas formam o Serviço Auxiliar de Voluntários (SAV) do HBB. Diariamente, cerca de 60 voluntários se revezam para distribuir cestas básicas, passagens, roupas, calçados e revistas para mais de 15 doentes.

Também faz parte do trabalho confortar e dar comida na boca dos pacientes. Vale até realizar shows musicais, como o policial civil aposentado Joaquim Pedro dos Reis, 67 anos. Ele toca oito instrumentos e costuma espalhar sua música por todos as alas do HBB. "É para alegrar o ambiente", diz.

O grupo do SAV é heterogêneo. Donas de casa, estudantes e profissionais com idade entre 20 e 70 anos. A maior parte é formada de mulheres. A maioria dos voluntários mora no Plano Piloto ou em cidades próximas, como o Guará. O serviço é completamente independente da direção do HBB, apesar de sua sede funcionar na sobreloja do hospital.

SELEÇÃO

A seleção dos voluntários é rigorosa. "Muitos só querem conseguir passagem livre no hospital para vender coisas, pedir dinheiro, marcar consultas e até mesmo namorar", acusa a presidente da SAV, Maria Pereira de Melo dos Reis, 50 anos, que está no grupo há oito.

Os interessados em trabalhar no serviço assistencial devem, antes de tudo, se inscrever na sede da SAV. Em seguida, são submetidos a uma entrevista. Os aprovados passam por um treinamento antes de começarem a trabalhar. Depois de assi-

Raimundo Paccó



Joaquim Pedro dos Reis, multiinstrumentista, passa quatro horas todas as semanas se apresentando para os doentes do Hospital de Base de Brasília

nar uma ficha de adesão, recebem um crachá e passe livre dentro do hospital. "Atualmente, as inscrições estão interrompidas até junho porque temos 30 pessoas para treinar", afirma a presidente do grupo.

A SAV se sustenta com doações da comunidade. Antes, os voluntários batiam de porta em porta para obtê-las. Hoje, pedem pelos jornais, rádio e tevê. O objetivo da atual campanha é recolher cobertores para o inverno que se aproxima. "Ultimamente, as doações estão fracas", lamenta a dona de casa Edir Cirino, 52 anos, secretária da SAV.

dente da SAV, Léa Altemburg, 72 anos.

AMIZADE

Os pacientes se surpreendem com a abordagem dos voluntários da SAV. Parecem se perguntar: quem é esse estranho que está se preocupando comigo? Com fortes dores de cabeça, causadas por um aneurisma, Maria Deucimar das Neves, 36 anos, bem que tentou, mas mal conseguiu corresponder ao sorriso da dona de casa Edir Cirino, 52 anos, secretária da SAV.

Janete Pereira da Silva, 20 anos, pôde conversar um pouco. Ganhou revista, dentífrico e escova dental. "Agora, estou melhor. Quando cheguei aqui sentia muita dor", contou a moradora da Expansão do Setor O para Edir. Em poucos dias, ela deve ser operada da vesícula.

O SAV foi criado por médicos do HBB há 18 anos. A idéia foi copiada dos Estados Unidos. Há dois anos, os hospitais do Gama, Sobradinho e Taguatinga criaram serviços semelhantes. Os grupos são independentes, mas, desde 1995, eles se reúnem

para trocar experiências.

Muitas vezes, voluntários e pacientes acabam se tornando amigos. "A gente se afeiçoa às pessoas. Até hoje, tenho notícias de pacientes antigos", conta Léa. "A gente recebe muito mais do que dá. Antes da SAV, eu sofria de depressão. Me curei dentro do hospital", lembra Edir.

SERVIÇO

Para doações e inscrições de novos voluntários, a SAV fica na sobreloja do HBB, nos telefones 322-6594 e 325-4601.

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

MÚSICA POR TODAS AS ALAS DO HOSPITAL

Joaquim Pedro dos Reis, 67 anos, é o voluntário dos oito instrumentos. A música é sua contribuição para o trabalho do Serviço Auxiliar de Voluntários (SAV), no Hospital de Base de Brasília (HBB).

Policial civil aposentado e ex-aluno de Pixinguinha, o Dr. Reis — como é mais conhecido — estuda música desde pequeno. Toca saxofone, violino, violão, clarinete, bandolim, harpa, cavaquinho e flauta.

Advogado, teólogo e formado pela Escola do Exército, veio para Brasília em 1960. Aqui, trabalhou como policial civil durante 35 anos.

Há oito anos, o músico policial viu um anúncio do SAV no jornal. Soube que o grupo estava precisando de gente para trabalhar no HBB. "Tenho tempo livre. Por que não ajudar?", pensou na época. Hoje, ele dedica mais de quatro horas semanais para tocar no hospital.

Para o ex-delegado, a parte mais difícil do trabalho do SAV é conseguir doações. "As pessoas têm coisas sobrando em casa, mas não reconhecem que pode ter alguém precisando daquilo", observa.

Morador do Guará, Reis é casado pela segunda vez com a atual presidente do SAV, Maria Pereira de Melo dos Reis — a Lia. Ele tem quatro filhos legítimos, do primeiro casamento. Mas costuma dizer que tem sete: "Casei com Lia e ganhei mais três. Os dela", contabiliza. (PT)